

## ■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ A sala de leitura escolar como espaço de mediação para a promoção da educação antirracista

 Adriana Costa de Miranda\*  
Viviane Lopes Barros Villodres Dias\*\*

**Resumo:** Neste relato de experiência, é apresentado o trabalho educacional desenvolvido na Sala de Leitura virtual Cora Coralina, do CEF 04 de Brasília, e voltado para a promoção da educação antirracista ao longo do ano letivo de 2020. Esse trabalho foi realizado por meio da organização da informação, de publicações de atividades e da realização de clubes de leitura em que questões étnico-raciais puderam ser abordadas. Para tanto, as professoras mediadoras apoiaram-se na realidade histórica e social dos(as) estudantes, estabelecendo uma relação dialógica com eles(as). Assim, oportunizou-se aos(as) estudantes a reflexão e o desenvolvimento crítico em relação à sociedade racista em que vivemos.

**Palavras-chave:** Leitura. Mediação. Educação antirracista. Consciência étnico-racial.

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB); Mestra em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB); Pós-graduada em Violência doméstica contra Crianças e Adolescentes pela Universidade de São Paulo (USP) e graduada em História pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalha na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 1995. Nesta Secretaria lecionou em escolas dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, ocupou cargos de gestão, lecionou na Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação (EAPE) e, atualmente trabalha na Sala de Leitura Cora Coralina do CEF 04 de Brasília. Lecionou também em cursos de graduação das Universidade Estadual e Federal de Roraima e da Faculdade Cenecista de Brasília. Áreas de atuação: promoção dos direitos infanto-juvenis; prevenção às violências escolares; mediação a leitura. Contato: [adrianacostademiranda@gmail.com](mailto:adrianacostademiranda@gmail.com)

\*\* Professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, graduada em Letras e Literatura, Licenciatura e Bacharelado pela Universidade de Brasília-UnB. É Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, atuando na área como educadora há 22 anos. Trabalhou como revisora e preparadora de textos e materiais didáticos na Equipe Técnica do Centro de Ensino Tecnológico- CETEB e como Consultora da Editora Unileya. Contato: [viviane.dias@se.df.gov.br](mailto:viviane.dias@se.df.gov.br)

## Introdução

Neste relato de experiência, será apresentado o trabalho educacional voltado para o combate ao racismo e para a conscientização étnico-racial na educação, realizado na Sala de Leitura Virtual Cora Coralina, do Centro de Ensino Fundamental 04 de Brasília (SLVCC/CEF 04 de Brasília), nos anos finais, em 2020.

Em razão da pandemia do novo Coronavírus, a escola pública foi obrigada a desenvolver seu trabalho por ensino remoto, integralmente. E, por tal motivo, profissionais da educação foram lançados a novos desafios, buscando não somente ferramentas para realizar seu trabalho, como também ser criativos(as).

Nesse sentido, a idealização da referida Sala de Leitura Virtual (SLV) se deu em março de 2020, quando as duas professoras que lá atuam necessitavam desenvolver um trabalho educacional remoto. Mas, como a natureza da Sala de Leitura é distinta das outras salas de aula, foi necessário adaptar e reinventar maneiras de interagir com o público, como também foi essencial o apoio irrestrito da equipe gestora da escola.

### A mediação educacional na Sala de Leitura Cora Coralina

As professoras responsáveis pela organização e pelo desenvolvimento do trabalho pedagógico na SLVCC são readaptadas; uma é professora de História e de Sociologia, a outra é professora de Língua Portuguesa e Literaturas. Naquele espaço virtual de aprendizagem, elas assumem o papel de professoras mediadoras da leitura.

Entende-se que o papel do(a) profissional mediador(a) da leitura em uma biblioteca ou em uma sala de leitura escolar é o de organizar a informação, bem como realizar ações e participar de projetos junto a professores(as) que colaborem para despertar o gosto pela leitura e o desejo de ler dos(as) estudantes (NUNES e SANTOS, 2020).

Ocorre que nenhuma mediação educacional é neutra (FREIRE, 1992). Naquela Sala, a mediação realizada pelas professoras é comprometida com a organização de informações, a realização de ações e a participação em projetos que tratem de questões sociais importantes que colaborem com a formação de seres humanos reflexivos, críticos, empáticos, solidários que, por meio da cidadania ativa, possam colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos(as).

Tal organização apoia-se no entendimento (CASTRO, 2017) da importância de tratar de questões como a diversidade étnico-racial ao longo do ano e

não só em datas relevantes nacionais como o dia 19 de abril, Dia do Índio, ou o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, para implementar uma educação antirracista.

Essa prática educacional está ancorada na abordagem da psicologia histórico-cultural do desenvolvimento humano (RIBEIRO, 2018; VIGOTSKY, 2001) que considera que tal desenvolvimento ocorre a partir da realidade histórica e cultural em que o indivíduo está inserido e em sua interação dialógica com o outro no espaço social.

Vigotsky (2001) entende que a escola é o espaço principal para o desenvolvimento humano, pois é o espaço designado socialmente para a educação formal onde o(a) professor(a) assume o papel de mediador(a) dos conteúdos acadêmicos a fim de favorecer o processo de produção de conhecimentos e a aprendizagem dos(as) estudantes. Assim, considera-se que os conteúdos étnico-raciais apresentados para os(as) estudantes na sala de leitura favorecem sua aprendizagem e produção de conhecimentos na área.

O trabalho educacional em questão está ancorado ainda no Eixo Integradores da Ludicidade e Letramentos para os anos finais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e no eixo transversal Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, do Currículo em movimento do Distrito Federal (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2018).

### Organização do trabalho educacional

O trabalho educacional desenvolvido na SLVCC do CEF 04 de Brasília apoia-se na Lei 11.645 de 10 de março de 2008, um dos mecanismos de reparação histórica à população africana, afrodescendente e aos povos indígenas brasileiros, que determina, no segundo parágrafo do Artigo 26-A, o seguinte:

Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

O CEF 04 de Brasília possui 342 estudantes em seu corpo discente e, para participarem da SLV, é necessário que sejam convidados(as). Foram enviados convites para todos(as). No entanto, 262 alunos responderam ao convite e, portanto, estão inseridos(as) no ambiente. O trabalho é desenvolvido de modo a estimular, convidar no dia a dia os(as) estudantes a participarem das atividades.

O feedback dos(as) estudantes em relação às publicações varia: como estas ficam disponíveis o período

letivo inteiro, alguns(as) estudantes respondem de maneira imediata. Outros(as) visitam a Sala de Leitura até mesmo nos fins de semana, feriados ou recesso e fazem comentários públicos e/ou particulares.

Nesse espaço remoto de aprendizagem são feitas seis postagens semanais em forma de atividades do Google Sala de Aula sobre datas relevantes universais, nacionais e previstas no calendário da SEEDF, leitura, literatura e temas afins.

Os textos e as atividades são elaborados pelas professoras atuantes naquela sala de leitura após pesquisa sobre o tema elencado, sendo que, em geral, também disponibilizam materiais sobre eles, como livros digitais, vídeos, filmes, animações, imagens, mensagens, entrevistas, textos literários ou jornalísticos.

Percebeu-se que, a cada configuração de atividade, obtém-se um feedback diferente e que havia um grande número de estudantes que participava das publicações por meio de comentários particulares e um número menor em comentários públicos. Assim, o fato de se configurar uma publicação oportunizando os comentários particulares seria uma maneira de deixar as “portas abertas” da Sala de Leitura para que participassem como mais se sentissem confortáveis.

Há também os encontros virtuais dos Clubes de Leitura, realizados via Google Meet para os(as) estudantes dos sextos e sétimos anos, no período vespertino, mediado pela professora de Português e, para os(as) estudantes dos oitavos e nonos anos no período matutino, mediado pela professora de História. Ali é o momento de encontro com os(as) estudantes para ler, discutir e refletir a respeito de temáticas variadas e sobre gêneros literários-artísticos. Os(as) estudantes participam de forma voluntária da SLV e as atividades lá desenvolvidas não são pontuadas.

A SEEDF estabeleceu que as salas de aula de ensino remoto oficiais seriam por meio do Google Sala de Aula. Este é constituído pela plataforma de publicação de escrita, imagem e audiovisual, além do recurso Meet, de encontros virtuais. Assim, a SLV seguiu as seguintes padronizações de publicações (postagens, recados e meet):

- Material (neste padrão, apenas comentários públicos);
- Atividade (neste padrão, há a possibilidade de comentários públicos e particulares);

- Pergunta (neste padrão, há o espaço particular específico para a resposta de algum questionamento feito na publicação).

O acompanhamento do feedback dos(as) estudantes realizado pelas professoras mediadoras é essencial para o desenvolvimento do trabalho, bem como norteador da direção a ser seguida. Ele ocorre da seguinte forma: após as publicações, com propostas variadas, observa-se tanto a quantidade de respostas dos(as) estudantes da escola quanto a forma como foi interpretada a publicação.

Em relação à educação antirracista no Brasil, deve-se considerar a desconstrução do mito da democracia racial (MUNANGA, 1999), uma vez que a sociedade brasileira está assentada sobre uma herança escravocrata (RIBEIRO, 2017) repleta de violências e mazelas. Assim, é necessário que os(as) educadores(as) busquem formação continuada na temática étnico-racial e tenham atenção, senso crítico em relação aos materiais utilizados, pois

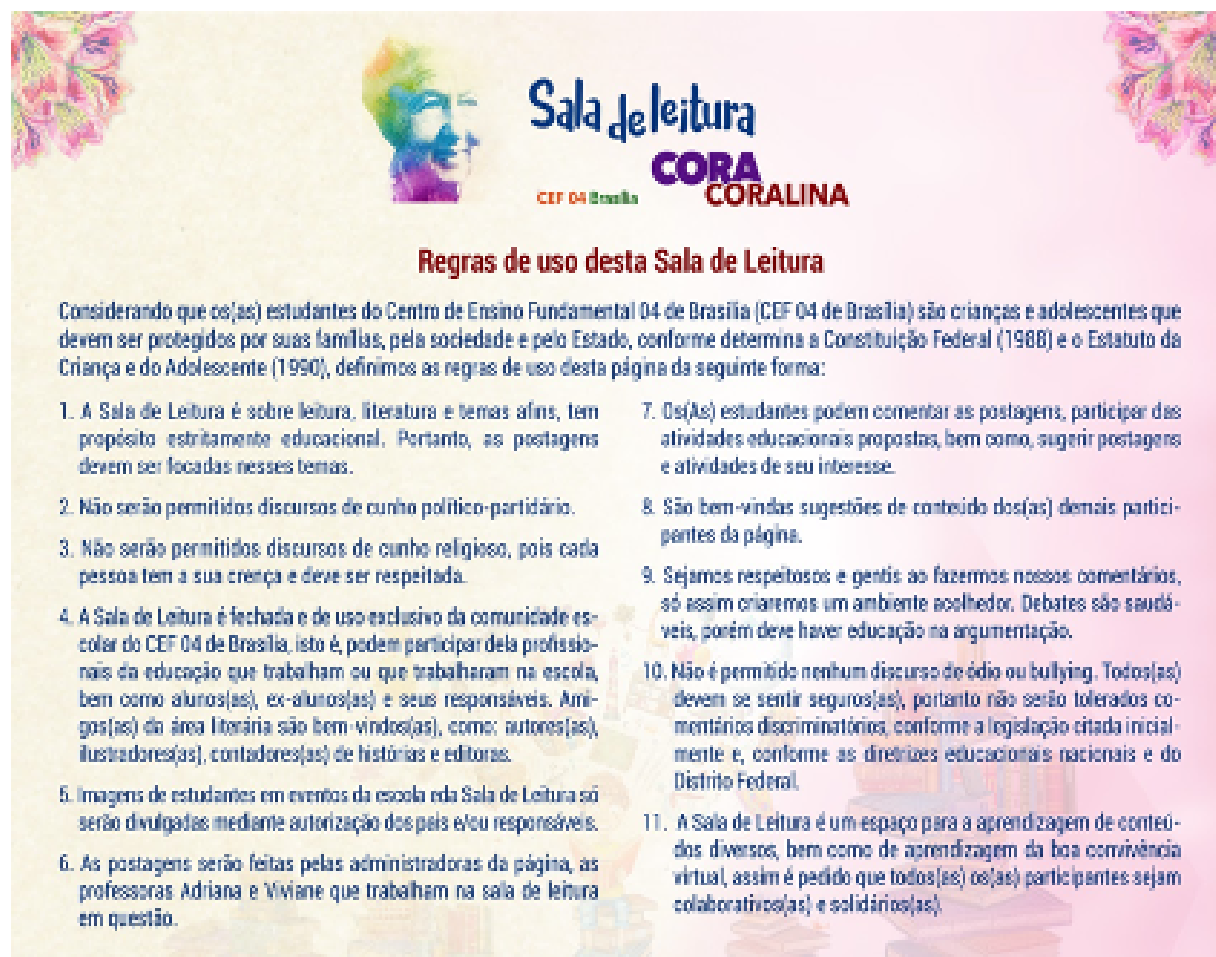
partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar. (MUNANGA, 1999, p. 15).

De Sant’Ana (1999, pp. 49) concorda com Kabengele Munanga e vai além ao afirmar que a discriminação étnico-racial nas escolas está

nas práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais entre os estudantes, professores, direção da escola, mas também no forte racismo repassado através dos livros didáticos. Não nos esquecendo, ainda, do racismo institucional, refletido através de políticas educacionais que afetam negativamente o negro.

Na SLV tais práticas são observadas pelas professoras mediadoras, tanto que a primeira postagem feita naquela sala foi dando boas-vindas aos(às) estudantes e a segunda foi a postagem das regras de uso da sala onde são apresentados os seguintes pontos:

Figura 1 – Regras de uso da Sala de Leitura Cora Coralina



**Sala de Leitura  
CORA  
CORALINA**  
CEF 04 de Brasília

### Regras de uso desta Sala de Leitura

Considerando que os(as) estudantes do Centro de Ensino Fundamental 04 de Brasília (CEF 04 de Brasília) são crianças e adolescentes que devem ser protegidos por suas famílias, pela sociedade e pelo Estado, conforme determina a Constituição Federal (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), definimos as regras de uso desta página da seguinte forma:

1. A Sala de Leitura é sobre leitura, literatura e temas afins, tem propósito estritamente educacional. Portanto, as postagens devem ser focadas nesses temas.
2. Não serão permitidos discursos de cunho político-partidário.
3. Não serão permitidos discursos de cunho religioso, pois cada pessoa tem a sua crença e deve ser respeitada.
4. A Sala de Leitura é fechada e de uso exclusivo da comunidade escolar do CEF 04 de Brasília, isto é, podem participar dela profissionais da educação que trabalham ou que trabalharam na escola, bem como alunos(as), ex-alunos(as) e seus responsáveis. Amigos(as) da área literária são bem-vindos(as), como: autores(as), ilustradores(as), contadores(as) de histórias e editores.
5. Imagens de estudantes em eventos da escola na Sala de Leitura só serão divulgadas mediante autorização dos pais e/ou responsáveis.
6. As postagens serão feitas pelas administradoras da página, as professoras Adriana e Viviane que trabalham na sala de leitura em questão.
7. Os(As) estudantes podem comentar as postagens, participar das atividades educacionais propostas, bem como, sugerir postagens e atividades de seu interesse.
8. São bem-vindas sugestões de conteúdo dos(as) demais participantes da página.
9. Sejamos respeitosos e gentis ao fazermos nossos comentários, só assim criaremos um ambiente acolhedor. Debates são saudáveis, porém deve haver educação na argumentação.
10. Não é permitido nenhum discurso de ódio ou bullying. Todos(as) devem se sentir seguros(as), portanto não serão tolerados comentários discriminatórios, conforme a legislação citada inicialmente e, conforme as diretrizes educacionais nacionais e do Distrito Federal.
11. A Sala de Leitura é um espaço para a aprendizagem de conteúdos diversos, bem como de aprendizagem da boa convivência virtual, assim é pedido que todos(as) os(as) participantes sejam colaborativos(as) e solidários(as).

Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Ainda sobre o livro didático, Silva (1999, pp. 22-23) chama atenção para o fato de que ele

ainda é (...) um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas (...) onde os materiais pedagógicos são escassos e as salas de aula repletas de alunos, o livro didático talvez seja um material que supra as suas dificuldades pedagógicas.

Essa questão tem sido superada no CEF 04 de Brasília com a revitalização física da Sala de Leitura feita em 2019 por meio de sua reforma, reorganização do seu mobiliário e ampliação do seu acervo. E, como explicado anteriormente, a partir de 2020, com sua expansão para o espaço virtual em decorrência da pandemia do coronavírus. Tais ações têm propiciado o acesso dos(as) professores(as) e dos(as) estudantes a materiais

de qualidade que tendem a superar o olhar limitado e estereotipado trazido por alguns livros didáticos em relação às populações indígenas e negras.

Por fim, mas não menos importante, é necessário dizer que, ao serem disponibilizados materiais diversos sobre personalidades indígenas e negras, colabora-se para que tais sujeitos ganhem espaço e voz, oportunizando outras narrativas que não as dominantes, pois, como bem explica Ribeiro (2017, p. 48-49), há:

um sistema vigente que invisibiliza essas narrativas. Com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, sites, canais de vídeos, blogs. Existe nesse espaço uma disputa de narrativa, mas ainda aquém do ideal por conta das barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes.

## Resultados

De modo geral, o trabalho educacional desenvolvido na SLVCC tem sido bem-sucedido, uma vez que os(as) estudantes têm frequentado a referida sala mesmo que as atividades lá postadas não sejam obrigatórias nem valham nota, atingindo o objetivo maior das professoras mediadoras, que é a formação do gosto pela leitura.

A maioria dos(as) estudantes que frequenta a sala demonstra que viu as postagens dando feedback. Parte dos(as) estudantes se sente à vontade para entregar as atividades e responder às perguntas propostas, bem como para postar comentários sobre os assuntos apresentados no espaço público e/ou particular.

Todos os comentários são bem-vindos e respondidos pelas professoras mediadoras de forma a valorizar cada estudante. Além disso, para além das regras de uso da SLV, os(as) estudantes e as professoras têm construído uma dinâmica de gentileza entre si, fortalecendo os laços de boa convivência e de respeito entre todos(as).

Até o momento, foram feitas as seguintes publicações que contemplam questões étnico-raciais: as biográficas e aquelas sobre projetos de incentivo à leitura, datas relevantes e manifestações das culturas indígena e negra. Além das publicações, foram trabalhados textos literários que trazem questões relativas ao racismo estrutural, às desigualdades sociais e ao feminismo negro em encontros do clube de leitura dos oitavos e dos nonos anos. No próximo tópico, tais ações serão discutidas.

Também são resultados relevantes do trabalho desenvolvido na SLV as parcerias internas e externas formadas com outros(as) educadores(as). A parceria interna consistiu no trabalho conjunto delas com outros(as) professores(as) da escola.

A parceria externa consistiu na apresentação da bem-sucedida experiência da SLVCC para outras escolas e/ou Coordenações Regionais de Ensino por meio da participação das professoras mediadoras no 1º Fórum de Troca de Experiências de Ensino remoto da CRE do Plano Piloto, realizado no dia 20 de agosto de 2020, oportunidade na qual elas relatam suas experiências, com posterior disponibilização de um tutorial para aquela CRE.

A partir desse fórum e da participação das professoras mediadoras em encontros virtuais promovidos por diversos setores da SEEDF, elas entraram em contato com outros(as) professores(as) que se interessaram em saber detalhes do projeto para criarem os seus próprios projetos ou repensá-los, o que possibilitou uma troca de experiências que enriqueceu o trabalho de todos(as).

## Discussão

Nas publicações biográficas, os(as) estudantes acessaram conhecimentos sobre a vida e a obra dos(as) escritores(as) Daniel Munduruku, Márcia Wayna Kambeba; Eliane Potiguara e Cidinha da Silva; do quadrinista Marcelo D'Salete; do designer e ilustrador Edson Ikê; do ator Chadwick Boseman.

Nas postagens sobre os(as) autores(as) indígenas, foi explicado que é recente o espaço dado a eles(as) no mercado editorial. Tal espaço é importante para os(as) indígenas escreverem sobre si mesmos(as), pois, até pouco tempo, nós conhecíamos a literatura indígena escrita por não indígenas.

Os(As) estudantes fizeram comentários demonstrando interesse em conhecer tais autores(as) e suas obras. Sobre Daniel Munduruku, uma aluna do 6º ano, B., comentou em particular: "Ok já li. Vou pesquisar bastante sobre os índios", ao que a professora respondeu: "Que bom! Tomara que este tema te encante!" e a aluna respondeu: "Já me encantou". Outra aluna, Br. do 8º ano, comentou em particular: "Interessante demais! Não conhecia esse escritor, muito interessante sua história". Na postagem sobre Márcia Kambeba, a mesma aluna B., do 6º ano, comentou publicamente: "Muito interessante o livro virtual. Gostei bastante"; e outra aluna do 8º ano, A., comentou a seguir: "Li o poema e assisti o vídeo, gostei bastante!"

Quanto ao designer e ilustrador Edson Ikê, uma estudante D., do 6º ano, comentou (para a turma): "Meu irmão também é designer gráfico!!!"; a professora respondeu: "Que bacana!!! Parabéns para ele!!!"; a aluna agradeceu.

Ainda no tópico Biografias, sobre o ator Chadwick Boseman, foi explicado o seguinte para os(as) estudantes:

Homenagem a Chadwick Boseman, O Pantera Negra

Bom dia, pessoal!

Hoje esta postagem é uma homenagem ao grande ator americano Chadwick Boseman, estrela do filme Pantera Negra (dos quadrinhos da MARVEL, de autoria de Stan Lee), que interpretou o príncipe de Wakanda, T'Challa. Ele faleceu dia 28/08, nesta sexta-feira, aos 42 anos, em decorrência de uma luta contra um câncer desde 2016.

Chadwick Boseman foi um ator negro que interpretou muitas personalidades negras no cinema, mas nada se comparou ao sucesso e consequente transformação que o filme Pantera Negra, dos Studios Marvel e produção com os Studios Disney, da história em quadrinhos de mesmo nome, oportunizou para a reflexão e atuação da identidade negra no mercado do cinema e na sociedade.

No filme, Wakanda é uma nação africana superdesenvolvida e tecnológica, que não sofreu empobrecimento por ter escapado da colonização europeia. Era um reinado tecnologicamente avançado e poderoso.

Boseman era um artista em ascensão: em 2022, deveria estrelar a continuação de Pantera Negra, um sucesso de bilheteria há dois anos, com mais de US\$ 1 bilhão de dólares arrecadados em todo o mundo. Ele se tornou o primeiro ator negro a interpretar um super-herói como protagonista em filme do universo Marvel. A obra, ambientada no fictício reino africano de Wakanda, foi aclamada pela crítica e pelo público e disputou o Oscar de melhor filme.

**Legado de Pantera Negra: Chadwick Boseman, no filme Pantera Negra, além de retratar o primeiro super-herói negro, mudou também a forma com os negros são retratados no cinema, nos desenhos e nas dublagens. A partir dessa obra, muitas outras obras da cultura pop tiveram que ser feitas com a devida representatividade e outras foram ajustadas.**

Foi, assim, o primeiro longa-metragem onde a Diretora (Rian Coogler) e a maioria do elenco eram negros e também primeiro filme que retrata a identidade negra de sucesso e poder.

Ironicamente, Boseman morreu no dia 28 de agosto, dia do emblemático discurso de Martin Luther King, no qual ele dizia ter um sonho, imaginou os EUA sem desigualdade, racismo, segregação contra o povo preto, um lugar muito parecido com Wakanda, o reino de T'Challa.

Ele não somente proporcionou imagens sobre heroísmo e realeza negros, mas também o ator estava envolvido em outras lutas: viver com câncer (e lutar contra ele), racismo e inspirar os jovens. Fez o seu papel.

A comoção pela morte do ator Chadwick Boseman ultrapassa o mundo artístico e dos fãs e atinge uma dimensão política ao acontecer em pleno movimento antirracista, pois ele era uma personalidade ativista dessa causa.

Como vimos, livros, filmes, quadrinhos... contam histórias que nos fazem sonhar, refletir e agir. Acabam se misturando em nossas vidas, nos trazendo elementos à nossa realidade ou mesmo completando aquilo que já existe: estamos falando de diversidade.

WAKANDA FOREVER!

Veja nos arquivos o trailer do filme (indicado ao Oscar 2019), a música-tema e uma mostra dos quadrinhos Pantera Negra em comparação ao filme. (publicação das autoras em fórum virtual).<sup>1</sup>

A publicação foi feita em formato de material. E a professora de História comentou: "Chadwick Boseman partiu, mas deixou dois legados importantes: o exemplo de luta pela sua vida e a importância da sua arte no enfrentamento ao racismo. Ele segue em paz! Chadwick Boseman, PRESENTE!"; e a professora que fez a postagem, respondeu: "E que legados, professora!". Considera-se que estes comentários entre as professoras também são educativos.

Tais falas inferem que ter pessoas indígenas e negras representadas nas publicações é importante para quebrar estereótipos, aumentar a autoestima dos(as) estudantes que se identificam com elas e para despertar um novo olhar sobre elas, uma vez que são apresentadas "de forma digna", como chama atenção o ilustrador Edson Ikê na live "Como criar crianças antirracistas - a estética além da representatividade na literatura infantil".

No tópico Leitura, foram apresentados dois projetos de incentivo à leitura propostos por meninas negras de comunidades periféricas do Rio de Janeiro, o Pretinhas Leitoras, realizado pelas irmãs gêmeas Helena e Eduarda Ferreira com o apoio da mãe, Elen Ferreira. E o projeto Biblioteca Comunitária Mundo da Lua, idealizado por Raíssa Luara de Oliveira.

Os(as) estudantes que comentaram estas duas postagens demonstraram gostar demais de conhecer os dois projetos porque se identificaram com as meninas, pois todos(as) são mais ou menos da idade delas e expressaram admiração pela atitude das garotas. Além disso, reconheceram a importância dos projetos das meninas para as comunidades onde vivem.

Já o estudante P. A, 9º ano, relacionou as histórias de vida da escritora Carolina Maria de Jesus com as idealizadoras do projeto Pretinhas Leitoras. Isso é importante para que os estudantes comecem a fazer associações entre raça e classe social e desenvolvam o pensamento reflexivo-crítico em relação às questões sociais. Ele escreveu: "Eu lembro de um teatro que teve o ano passado na escola. Não sei se era a história da Carolina Maria de Jesus, mas era bem parecida."

A professora mediadora respondeu: "P., foi a história dela, sim! De fato, há várias semelhanças entre elas. Além disso, o vídeo 'mulheres fantásticas', que postei aqui, mostra que a Helena e a Eduarda se inspiraram muito na Carolina Maria de Jesus para ler, divulgar a leitura, divulgar autores(as) negros(as) e a combater o racismo. A Helena começou a escrever também!"

No tópico datas relevantes nacional e mundialmente, foram feitas as seguintes publicações sobre questões étnico-raciais: 18/07 - Dia Nacional do Trovador e sua relação com a origem do RAP; 9/08 - Dia Internacional dos Povos Indígenas; 2/11 - Dia do Samba; 20/11 - Dia Nacional da Consciência Negra; 07/01 - Dia da Liberdade de Cultos.

As demais publicações foram sobre manifestações das culturas indígena e negra, são elas: Literatura para conhecer, compreender e valorizar os povos indígenas; Educação e aprendizagem nas comunidades indígenas; Literatura Indígena: Das Crianças Ikpeng para o Mundo Marangmotxíngmo Mirang; Animação Pajerama; Mulheres que lutaram e lutam pelo reconhecimento e pela

efetivação dos direitos humanos das mulheres; Princesas africanas; Provérbios e ditados oriundos do trabalho escravo nas minas de Ouro Preto; Biblioteca de Alexandria/Biblioteca Alexandrina; poesia SLAM e indicação de leitura em quadrinhos da obra de Machado de Assis, “O Alienista”.

Referindo-se às datas relevantes, como exemplo, tem-se a publicação baseada no Portal Geledés, um documentário produzido pela TV JUSTIÇA, “Dia da Consciência Negra”, além de um documentário realizado pelo rapper brasileiro Emicida, “[Emicida] Sobre racismo e consciência racial”; incitando ao debate e à reflexão.

#### Dia da Consciência Negra

Bom dia, pessoal!

A cada ano é celebrado no dia 20 de novembro o Dia da Consciência Negra no Brasil. A data foi escolhida em menção ao dia da morte de um dos maiores líderes anti-escravagistas: Zumbi. O objetivo é trazer como reflexão a importância do povo e da cultura africana na construção do nosso país.

O preconceito ainda existe, e uma das formas de combatê-lo é discutindo e expondo as mazelas enraizadas no dia a dia da sociedade brasileira.

Último líder de um dos maiores quilombos do Brasil, o de Palmares, Zumbi enfrentou as investidas da Coroa portuguesa em defesa dos escravos que fugiam do trabalho desumano e das torturas vigentes nas fazendas da época.

Consciência negra pode significar, em suma, a percepção da pessoa negra em relação às suas origens, no entendimento das raízes culturais e históricas dos seus antepassados.

A consciência negra também representa a identificação da causa e luta dos ancestrais africanos que desembarcaram no Brasil e trouxeram consigo toda a cultura, costumes e tradições do seu povo.

É ter em mente que a escravidão foi abolida, mas que ainda há muita coisa a ser mudada no que diz respeito aos direitos da pessoa negra.

(Portal Geledés)

Vocês poderão assistir no anexo o curta-metragem/documentário de produção da TV Justiça

Vamos refletir? O que vocês pensam a esse respeito? (publicação das autoras em fórum virtual).<sup>2</sup>

Em seguida, nos comentários públicos, a estudante do oitavo Ano, A., faz sua reflexão: “Muito importante esse dia e esse tema, pois muitas pessoas fazem pre julgamentos (sic) pela sua cor, raça, cultura, religião entre outras coisas. E vidas negras importam, sim, e todos deveriam ter esse mesmo pensamento, pois ninguém deve ser tratado com indiferença pela sua cor!”

A estudante, bastante participativa na SLV, fez um comentário muito pertinente com alusão a um momento delicado pelo qual passamos: o Movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam). Ela fez referência automática e direta devido à sucessão de casos de mortes de pessoas negras por abuso de força policial, entre outras coisas.

Assim, percebe-se que as realidades sociais vigentes, de desigualdade em relação às etnias negras e também indígenas, são perceptíveis aos(às) estudantes, uma vez que, nesse caso, os acontecimentos eram “bombardeados”

a todo momento pela imprensa nacional e internacional, com grandes questionamentos acerca do racismo estrutural latente. Sendo papel fundamental da escola e do espaço da Sala de Leitura ancorar-se nesta oportunidade de reflexão. Desse modo, chama-se a atenção para os “sujeitos dialógicos”:

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (...) qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é dever por mais que reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. (FREIRE, 1999, p. 67).

O diálogo nos comentários públicos e particulares é considerado riquíssimo nas trocas dialógicas na prática pedagógica adotada. Assim, torna-se real a necessidade de apresentar autores(as) negros(as) e indígenas para que contem suas histórias, a fim de oportunizar a reflexão de cada estudante sobre o papel que ocupa na estrutura da sua sociedade e como isso se deu.

Corroborando ainda com este pensamento, Silva afirma que

no que se refere aos currículos escolares, chamou-se a atenção para a falta de conteúdos ligados à cultura afro-brasileira que estejam apontando para a importância desta população na construção da identidade brasileira, não apenas no registro folclórico ou de datas comemorativas, mas principalmente buscando uma revolução de mentalidades para a compreensão do respeito às diferenças. (SILVA, 1995, apud ROCHA e TRINDADE, 2010, pp. 57-58)

O rapper Emicida é um dos maiores e brilhantes ícones da cultura negra, sendo ele, além de músico, escritor infantojuvenil e diretor cinematográfico. Sem dúvida, uma personalidade-exemplo que sempre suscita questionamentos e reflexões para as crianças e jovens.

Assim, em relação às datas relevantes, a prática pedagógica da SLV está em consonância com o objetivo de construção identitária, embora esta seja uma questão complexa, uma vez que as professoras mediadoras do espaço buscam a todo momento oferecer conteúdos e reflexões sobre a temática.

Inserida na questão da diversidade e respeito, mais precisamente no tópico Direitos Humanos e das questões de gênero, foi feita a publicação “Mulheres que lutaram e lutam pelo reconhecimento e pela efetivação dos direitos humanos das mulheres/Rosa Parks.”

Nos comentários públicos, duas estudantes do 6º ano se manifestaram. A estudante, D., expôs suas reflexões: “Tem pessoas que nem percebem a importância que acha que a lei maria da penha e só uma bobeira e não percebe o qual isso ajuda milhares de pessoas porque a filha dessa pessoa pode ser vítima de agressão (sic) e se não existisse essa lei a filha dessa pessoa continuaria sendo agredida!!!”

M.C., também estudante do 6º Ano, responde à publicação: “Ainda bem que não conheço nenhuma mulher que sofra violência, os casos que sei são os que vejo na TV, que a cada dia só aumentam.”

Em resposta, no espaço de comentários públicos, a professora mediadora estimula a reflexão da estudante, dando destaque não somente à violência, mas à luta dessas mulheres corajosas, citando a feminista negra Rosa Parks, referência mundial:

Sim, infelizmente, muitas pessoas não entendem a importância desta lei. Mas, independentemente disso, a Lei tem seus efeitos na sociedade. Qual outra mulher que você conhece que luta ou lutou pelos direitos humanos das mulheres? Pode ser uma mulher brasileira ou estrangeira. Olha aí, inseri outra mulher, a corajosa Rosa Parks! (professora participante do estudo).

A professora, em seu papel mediador de leitura, além de apresentar uma personalidade que é uma referência para a história feminista negra mundial, orienta a leitura para aspectos que são essenciais para uma construção de identidade, não focando apenas na violência sofrida pelas mulheres apresentadas, mesmo sendo um fator marcante, mas instigou, também, a pesquisa de novas personalidades femininas que lutaram ou lutam por voz, espaço e igualdade.

É fato que o ensino remoto apresenta suas limitações no que se refere à interação com os(as) educandos(as). No entanto, a experiência de publicações em formatação “Atividades”, por possibilitar comentários particulares, além dos comentários públicos, tem se mostrado positiva também.

No comentário particular, a aluna A.C., oitavo Ano, sugere um nome e escreve: “Dionísia Gonçalves Pinto foi uma das primeiras mulheres a publicar produções textuais em um jornal, dirigiu uma escola de meninas no Rio de Janeiro e escreveu livros.” Embora não seja uma personalidade negra, Dionísia foi abolicionista e feminista franco-brasileira radicada, engajada em causas importantes. Uma excelente oportunidade de reflexão, neste caso, a comparação entre feminismo negro e branco.

Sobre a escola e seu papel atuante tem-se como um

espaço privilegiado de inclusão, reconhecimento e combate às relações preconceituosas e discriminatórias. Apropriação de saberes e desconstrução das hierarquias entre as culturas. Afirmção do caráter multirracial e pluriétnico da sociedade brasileira. Reconhecimento e resgate da história e cultura afro-brasileira e africana como condição para a construção da identidade étnico-racial brasileira. (ROCHA e TRINDADE, 2010, pp. 66).

Entendendo-se, neste relato, como “espaço privilegiado” aquele que oportuniza além do livro didático e sem anacronismos, conhecimento linguístico-cultural e reflexão histórico-social étnica, elementos a que normalmente o(a) estudante teria acesso limitado ou mesmo nem teria.

#### Clube de Leitura oitavos e nonos Anos

Os encontros do CLV dos oitavos e nonos Anos teve início dia 17 de julho de 2020, e seu último encontro foi dia 18 de dezembro do mesmo ano. Ao todo, foram realizados 21 encontros virtuais no ano letivo de 2020. Os encontros foram muito bem aproveitados pelos(as) participantes.

Um estudante e uma estudante foram bem propositivos: ele sugeriu mais textos de ficção científica, e ela sobre feminismo e feminismo negro. A professora mediadora acatou as sugestões, disponibilizou textos literários e vídeos sobre os assuntos levantados e esclareceu dúvidas históricas sobre o movimento feminista.

A professora também apresentou obras de referência da literatura nacional e da literatura internacional para leitura, reflexão e análise sobre o racismo estrutural, desigualdade social e violência policial. São elas: o conto Mineirinho, de Clarice Lispector; a matéria da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados sobre a morte do músico carioca Evaldo dos Santos Rosa; o livro Capitães da Areia, de Jorge Amado; o livro O ódio que você semeia, de Angie Thomas. Foi visto ainda, comentado e explicado, o vídeo Historia del feminismo, da Carki productions, que trata das três ondas feministas, na qual, entre outros, trata do feminismo negro constituído a partir de 1990.

O trabalho educacional desenvolvido no CLV foi muito significativo e importante para a formação de leitores(as) e para que os(as) estudantes tivessem contato com autores(as) brasileiros(as) ainda não conhecidos(as) por eles(as). Eis aí, mais um papel importante da mediação da leitura.



## Considerações finais

No intuito de promover uma educação antirracista, as professoras mediadoras da Sala de Leitura virtual Cora Coralina, do CEF 04 de Brasília, estudam, pesquisam e buscam ter um posicionamento reflexivo e crítico ao escreverem os textos sobre questões étnico-raciais a serem disponibilizados aos(as) estudantes, além de fazerem uma seleção criteriosa dos materiais a serem postados, para o reconhecimento e a valorização da diversidade humana.

Com a mesma finalidade, e no caso específico da disponibilização das obras de literatura infanto-juvenil para os(as) estudantes, elas buscam ainda aquelas que têm a qualidade estético-literária indicada por Araújo (2018, p. 62-63), isto é, livros onde “o reconhecimento e a afirmação dos grupos humanos em sua diversidade cultural, social, étnica e racial” estão presentes.

Entende-se que a mediação da leitura das postagens feitas necessita de estratégias educacionais que

instiguem os(as) estudantes a lerem e a acessarem os materiais que as compõem, o que tem ocorrido de forma bem-sucedida no trabalho educacional desenvolvido na SLVCC.

Em relação aos desafios encontrados, até o momento, para o desenvolvimento e a ampliação do trabalho que se refere à promoção da educação antirracista, é necessário que parcerias sejam construídas entre os(as) professores(as) regentes das disciplinas curriculares ministradas em sala de aula e as professoras mediadoras da sala de leitura.

No ano letivo de 2021, caso o ensino presencial retorne, além do trabalho no ambiente físico da sala de leitura, pretende-se permanecer com a sala de leitura no ambiente virtual, pois, entende-se que o trabalho educacional realizado nestes dois espaços é complementar, sendo que, no segundo espaço, as professoras encontraram novas maneiras de mediar a leitura, tendo em mente que é possível ampliar as estratégias voltadas para encorajar os(as) estudantes a ler. ■

## Referências

- ARAÚJO, D. C. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. *Educ. rev.* [online]. 2018, vol.34, n.69 [cited 2021-01-07], pp.61-76. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-61.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2021.
- BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo. Brasília, 2008.
- CASTRO, J. A inserção étnico-racial no âmbito escolar. Baturité: Faculdade do Maciço do Baturité, 2017. Disponível em: <https://anais.faculdadefmb.edu.br/wp-content/uploads/2017/04/PPGFP-ARTIGO-A-INSER%C3%87%C3%83O-%C3%89TNICA-RACIAL-NO-%C3%82MBITO-ESCOLAR.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2021.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. *Currículo em movimento da educação básica. Ensino Fundamental Anos Finais*. Brasília: GDF/ SEEDF, 2018.
- IKÊ, E., SILVA, M. A. e OLIVEIRA, K. Como criar crianças antirracistas - a estética além da representatividade na literatura infantil [Entrevista concedida a Renata Nakano] Live do Festival Literário Quindim On-line realizada em 13 de agosto de 2020 às 20h. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/festival-literario-como-criar-criancas-antirracistas/>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Negritude: usos e sentidos*. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2009.

NUNES, M. S. C. e SANTOS, F. de O. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.25, número 2, pp. 3-28, jun/2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S1413-99362020000200003 & lng= en\ nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362020000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 jan. 2021.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, J. C. C. Deficiência intelectual e teorias sobre a mente: será que tem alguém que não aprende?. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 5, n. 1, pp. 187-195, mar. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/338>. Acesso em: 11 jan. 2021.

ROCHA, R. M. de C. e TRINDADE, A. L. da T. (Coord.). Ensino fundamental. In: *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: Secad, pp. 53 - 75, 2010.

SANT'ANA, A. O. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, KABENGELE (org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, Secad, pp. 33 - 68, 1999.

SILVA, A. C. A. Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, KABENGELE (org.) *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, Secad, pp. 21 - 38, 1999.

VIGOTSKY, L. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## Notas

1 Link: <https://classroom.google.com/c/MTM2NTU0MDQ0NDA1/m/MTUyOTExNjg2ODM2/details>

2 Link: <https://classroom.google.com/c/MTM2NTU0MDQ0NDA1/a/MTcxNzg3NDg4NzIz/details>